

Sermão e cobranças em café com aliados

Lydia Medeiros

Da equipe do **Correio**

Como um diretor que reúne os alunos na classe e dá uma bronca pela bagunça, o presidente Fernando Henrique Cardoso pôs frente a frente os líderes e presidentes dos três principais partidos que o apoiam — PSDB, PFL e PMDB — e pediu uma trégua na disputa pelo poder no seu segundo mandato.

Em café da manhã, ontem, no Palácio da Alvorada, passou-lhes um longo sermão e ouviu juras de fidelidade à estabilidade econômica, às re-

formas constitucionais, à governabilidade, enfim. Mas tal como os alunos que depois de ouvir a reprimenda só esperam o diretor virar as costas para dar a primeira canelada no colega, os aliados do presidente podem ter selado uma paz de curta duração.

Fernando Henrique falou por quase uma hora com os parlamentares. Disse compreender que cada partido de sua base acalente projetos próprios de poder, mas pediu tempo para governar, com o fim da competição por cargos no futuro ministério e da troca de acusações desencadeada com o episódio da demissão do mi-

nistro Luiz Carlos Mendonça de Barros, seu irmão, José Roberto, e de André Lara Resende.

Para pedir o entendimento, o presidente recorreu a argumentos econômicos. Fez um histórico da crise e relatou suas conversas com o presidente norte-americano, Bill Clinton, a quem atribuiu os esforços para que o Brasil recebesse a ajuda financeira internacional. As brigas dos aliados pareceram pequenas. “Este é o momento mais delicado do governo por causa da conjuntura econômica. Só em agosto, o Brasil perdeu R\$ 22 bilhões. É necessária a harmonia entre

os aliados”, pediu o presidente.

Fernando Henrique reafirmou a intenção de criar o Ministério da Produção. Não prometeu a pasta a nenhum dos partidos. “Esse não é um ministério que vá servir a este ou aquele partido”, explicou. O PSDB, no entanto, está certo que será o escolhido para comandar a área.

Deputados e senadores entenderam o tom presidencial e deixaram o Alvorada bem alimentados de croissants e geléias e com discurso único: o Brasil precisa ter uma “agenda positiva”. O jogo de culpas pelas demissões e pela crise

política parecia coisa do passado: “Quebramos o espelho retrovisor e nos unimos em torno dos objetivos que temos pela frente”, disse o líder do governo, José Roberto Arruda (PSDB-DF).

Não é bem assim. Na véspera, deputados e senadores desses partidos viveram dia de guerra. Ontem, tentaram manter a linha. Não conseguiram. A roupa suja foi lavada. O PSDB atribuiu ao PFL e ao PMDB a saída dos quatro auxiliares presidenciais. O presidente do partido, Teotônio Vilela, fez a defesa tucana. Presidente do PMDB, Jáder Barba-

lho (PA), não gostou: “O PMDB não entregou documentos a ninguém”.

José Jorge (PFL-PE), vice-presidente do PFL, concordou. E o líder do partido, senador Hugo Napoleão (PI), lembrou que não havia sequer uma assinatura pefelista de apoio à abertura de uma CPI para investigar a privatização das teles. Integrantes do PMDB e até do PSDB assinaram o requerimento, proposto pelo PT. O presidente do senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), não foi ao Alvorada. Mas resumiu todo o episódio: “As circunstâncias ditam as decisões”.